



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Reis, João José

Espelho para o mundo: entrevista com o historiador John Hope Franklin (1915- 2009)

Afro-Ásia, núm. 41, 2010, pp. 213-234

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77020005006>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



ESPELHO PARA O MUNDO: ENTREVISTA COM O HISTORIADOR JOHN HOPE FRANKLIN (1915- 2009)

Durham, Carolina do Norte, 29 de novembro de 2008

*João José Reis**



John Hope Franklin conseguiu driblar o racismo para tornar-se um dos grandes historiadores do século passado nos Estados Unidos. Além de brilhante carreira acadêmica, como professor de instituições de grande prestígio, autor de obras fundamentais e presidente das principais associações de historiadores em seu país, também atuou como intelectual público, manifestando-se incansavelmente sobre desigualdade e relações raciais, e os meios de melhorá-las, em palestras, debates, nas ruas e nos meios de comunicação.



Nascido numa pequena vila negra, Rentesville, no estado de Oklahoma, em 2 de janeiro de 1915, John Hope era filho de um advogado e uma professora primária. Seus avós tinham sido escravos. Cursou a universidade negra de Fisk, em Nashville, e doutorou-se em História pela Universidade de Harvard. Foi professor das Universidades de Fisk, Howard, do Brooklyn College (Nova York), Chicago e Duke, entre outras, além de professor visitante na Universidade de Cambridge, Inglaterra. Palestrou em diversos países, inclusive no Brasil. É autor ou coautor de dezessete livros. Presidiu, em diferentes ocasiões, a American

* Professor do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia





Historical Association, a Organization of American Historians, a Southern Historical Association e a American Studies Association. As homenagens ao historiador foram muitas, no decorrer de sua longa vida. Uma editora, a North Carolina University Press, lançou uma série com seu nome: *The John Hope Franklin Series in African American History and Culture*. Vários prêmios e bolsas de estudo e pesquisa foram criados em sua honra, como o *John Hope Franklin Publication Prize*, da American Studies Association, que premia o melhor livro em Estudos Americanos, e o *The John Hope Franklin Dissertation Fellowship*, da American Philosophical Society, para apoiar a pesquisa de estudantes de Doutorado em Filosofia. Muitas universidades lhe concederam títulos honoríficos. Na Universidade de Duke, onde ocupou o último posto de sua carreira universitária, foi criado o impressionante John Hope Franklin Humanities Institute, localizado em um amplo e moderno prédio onde funcionam grupos de pesquisa, extensa programação de palestras e seminários, entre outras atividades, com ênfase no conhecimento interdisciplinar e crítico.

John Hope casou-se, em 1940, com Aurelia Whittington, uma colega de Fisk, com quem viveu até a morte dela, em 1999. Tiveram um filho, John Whittington Franklin. John Hope gostava de pescar e colecionava orquídeas. Uma orquídea híbrida desenvolvida na Universidade de Chicago tem seu nome, *phalaenopsis John Hope Franklin*; uma outra espécie híbrida foi batizada em homenagem à sua esposa pelo horto estadual da Carolina do Norte, a *phalaenopsis Aurelia Franklin*.

Li o livro mais divulgado de John Hope, *From Slavery to Freedom: A History of Negro Americans*, quando era estudante universitário na Bahia, no início dos anos 1970. O historiador me empolgou pelo estilo direto e ao mesmo tempo engajado com que narrava um amplo panorama da experiência histórica do negro norte-americano, como vítima que sobrevive e rebelde que não se entrega. Depois, o interesse pela história da escravidão me levou a estudar seriamente a historiografia do negro nos Estados Unidos, onde fiz a pós-graduação em entre 1975 e 1981. Nessa ocasião, li algumas obras de John Hope, com especial atenção o seu livro – originalmente tese de Doutorado em Harvard – sobre os negros livres na Carolina do Norte no tempo da escravidão. Mas só



conheci John Hope pessoalmente muitos anos depois, no final da década de 1980, quando ele tinha 74 anos e fazia um *tour* de palestras pelo Brasil. Na Bahia, falou no Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, da Universidade Federal da Bahia, sobre relações raciais nos Estados Unidos. Se bem me recordo, na ocasião divulgava a publicação de uma tradução para o português de *From Slavery to Freedom*. Este livro, originalmente publicado em 1947, foi reeditado nove vezes, com revisões (inclusive a introdução de ilustrações a cores), acréscimo de um coautor, Alfred Moss, e até mudança de título para atualizar a terminologia racial: o livro agora intitula-se *From Slavery to Freedom: A History of African Americans*.¹

¹ A tradução publicada no Brasil ainda traz o antigo título, mas já inclui o coautor Alfred Moss, *Da escravidão à liberdade: a história do negro americano*, Rio de Janeiro: Nôrdica, 1989.



Cerca de dez anos depois, encontrei John Hope, agora com 84 anos, de novo, numa palestra no CEAQ, de onde, em seguida, fomos jantar, acompanhados por seu filho, por funcionários da diplomacia americana e pelo então diretor do CEAQ, Ubiratan “Bira” Castro de Araújo. Foi um visita deveras “oficial”: ele se encarregava de divulgar um relatório sobre a situação racial nos Estados Unidos, escrito por um comitê nomeado por Bill Clinton e presidido por ele, John Hope. Sobre sua experiência nada amena à frente desse comitê, falou na entrevista aqui publicada.

A entrevista resultou de meu último encontro com John Hope, em Durham, na Carolina do Norte, onde ele morava e eu passava o segundo semestre de 2008 como pesquisador no National Humanities Center – NHC. Meu contato com ele foi intermediado por T. J. Anderson, compositor, maestro, professor aposentado da Universidade de Tufts, a quem conheci em uma recepção no NHC. O maestro tinha sido professor visitante da UFBA e adora a Bahia, que homenageou compondo uma sinfonia intitulada *Bahia, Bahia*. Ele e sua esposa Lois eram amigos próximos do casal Franklin. Um dia, T. J. me levou para almoçar com John Hope e a conversa, durante a refeição, não podia ser outra senão a campanha para as eleições presidenciais nos Estados Unidos. John Hope e seu amigo, ambos bem sucedidos acadêmicos afro-americanos, o primeiro com 93 anos, o segundo com 85, falaram muito que, apesar de longevos, nunca esperaram viver o suficiente para ver um negro disputar aquelas eleições – nem seus filhos, talvez seus netos. Barack Obama ainda não tinha sido eleito, mas estavam ambos visivelmente emocionados por poderem vê-lo na disputa. Após o almoço, T. J. foi levar seu amigo em casa, uma sóbria e modesta construção de tijolos vermelhos, tendo ao fundo uma estufa, onde guardava suas queridas orquídeas. Ali, entre os livros de parte de sua biblioteca, retornei para entrevistar John Hope Franklin, em novembro de 2008. Acho que nunca estive tão perto de alguém que considerasse um sábio genuíno. Sua figura esguia, seu olhar doce/esperto, seu rosto sereno, sua idade, gestos e palavras compunham essa impressão. John Hope Franklin morreria cerca de quatro meses depois, em 25 de março de 2009, aos 94 anos. Viveu o suficiente para ver um negro empossado presidente dos Estados Unidos.



A entrevista²

O senhor tem sido um militante, um ativista da causa da justiça social durante quase toda a sua vida e, ao mesmo tempo, um acadêmico, um professor e orientador dedicado. Em quais dessas atividades acha que foi mais bem sucedido e na qual exerceu maior impacto sobre a mente das pessoas?

Apesar do fato de eu não ter sido um ativista propriamente, no sentido de reformar nossa sociedade, e acreditar que fui mais eficiente na minha contribuição acadêmica, esta, por outro lado, ajudou a persuadir muita gente das injustiças do sistema, tais como existiam, e talvez persuadir de que, afinal, você tem que ter algo mais do que emoção, e mais do que fazer passeatas ou participar de protestos. Tinha que mostrar aos oponentes, ao país, que não havia justiça e que não teríamos uma comunidade de seres humanos pacífica, efetiva, bem sucedida, até que todos tivessem o mes-

² A transcrição de algumas passagens desta entrevista foi feita por Lois Anderson, a quem agradeço. A tradução é minha.



mo tratamento, até que todos fossem tratados da mesma maneira. Pensei em fazer isso não apenas nas minhas declarações públicas, em minhas aulas, mas também em meus escritos. Não diria que todos os meus livros foram concebidos para persuadir, esclarecer e corrigir, mas certamente a maioria tinha esse objetivo. E agradar-me-ia acreditar que eles tiveram algum efeito.

O senhor trabalhou com diferentes governos nos Estados Unidos e, mais intensamente, com a administração de Bill Clinton, no sentido de fazer progredir a causa dos direitos civis e da justiça social no país. O senhor se arrepende de alguma coisa? Faria alguma coisa diferente se tivesse de viver uma outra vida?

Tenho uma importante crítica sobre minha própria preparação para presidir o Conselho Presidencial sobre raça.³ É que, apesar do fato de ter experimentado a discriminação durante toda a minha vida, não estava preparado para a oposição que recebi de pessoas que não queriam que nada mudasse. E assim, onde quer que fosse, o que quer que fizesse, elas me acusavam de tendencioso, de me autodiscriminar, e me acusaram de injusto no meu julgamento sobre aquilo em que acreditavam. Deveria estar mais bem preparado do que estava, mas, você sabe, sou um otimista e pensava que, se pudesse apenas expor meus argumentos, elas os entenderiam

Isso não aconteceu... Mas de que maneira o senhor poderia se preparar mais do que já era preparado?

Poderia ter sido mais claro, por exemplo, nas minhas acusações específicas de maus-tratos ou de discriminação, esse tipo de coisa. Pensei que o público em geral estivesse bem consciente de tudo, e não era este o caso, isso não era verdade. Quando a gente se junta-

³ O President's Initiative on Race foi criado por Bill Clinton para assessorá-lo sobre a questão racial. John Hope Franklin presidiu o conselho consultivo desse programa, que discutiu com o presidente e organizava audiências públicas, palestras e debates nos Estados Unidos. O relatório final foi publicado com o título *One America in the 21st Century – Forging a New Future: The Advisory Board's Report to the President*. Ver <<http://clinton4.nara.gov/Initiatives/OneAmerica/advisory.html>>. Um guia sobre as ações da iniciativa presidencial foi publicado, *Pathways to One América in the 21st Century: Promising Practices for Racial Reconciliation*, Washington: US Government Printing Office, 1999. Em 1999, John Hope Franklin fez palestras no Brasil para divulgar esse relatório.



va para discutir discriminação, era espantoso quantas pessoas a negavam ou diziam que não era bem assim, ou diziam que eu era tendencioso. Eu era aquele que era unilateral, preconceituoso, e assim por diante, e elas simplesmente deturpavam meu pleito, e o relato do que estava dizendo, ou do que estava tentando fazer, elas distorciam e desfiguravam, ou simplesmente fabricavam mentiras, inverdades sobre isso. Um crítico meu disse que eu nunca tivera uma conversa com o presidente dos Estados Unidos, que não estivera na Casa Branca, ou certamente não no gabinete [do presidente] para falar com ele da mesma maneira que eu e você agora falamos. Não, não, isso nunca aconteceu... Disse ao presidente o que diziam e ele simplesmente não pôde acreditar. Eu disse: bem, é isto aqui o que temos que enfrentar. Não foi fácil, sabe?

O senhor se queixava, particularmente, da cobertura da imprensa, em especial do *New York Times*, o que é surpreendente, dada a linha liberal do jornal.

Acho que a posição do New York Times foi de franco egoísmo, ganância. Em primeiro lugar deixe-me dizer que o New York Times foi o único jornal nos Estados Unidos que enviou um repórter explicitamente para cobrir o que fazíamos no Conselho Presidencial sobre raça. Ora, no início, pensávamos que isso era porque o New York Times era provavelmente o jornal mais capacitado e que podia fazer o que quisesse e por isso tinha um repórter seu a nos seguir, esse tipo de coisa. Mas logo depois que completamos nosso estudo para o presidente e para a nação, o New York Times deu início à sua própria série [de artigos] sobre o mesmo assunto, e então entendemos que talvez estivéssemos confundindo as coisas ao mostrar uma visão que o New York Times não mostraria, e que estávamos apenas enlameando a água, por assim dizer, e distorcendo o quadro da [condição] dos negros na América.

Distorcendo para pior...

Sim, ah! sim...

Esse repórter era negro?

Sim, era uma pessoa negra.

O que torna mais curioso que fosse tão negativo.





Sim, [negativo] sobre tudo. Sobre nosso preparo, sobre nossa compreensão do tema, sobre nossas atividades dia após dia, sobre como éramos desorganizados, esse tipo de coisa. Ele foi para cima da gente em tudo, cada aspecto do que fazíamos.

Como o senhor explica isso? Tentou alguma vez confrontá-lo?

Não, não... Ficou claro para mim que ele estava representando seu jornal. Ficou claro também para mim que o jornal não iria mudar. Depois de escrever várias cartas ao editor para corrigir o que seu repórter dizia, o editor um dia me telefonou e disse, “Eu não vou publicar esta carta que você me mandou”. Ele disse, “na verdade, não vou publicar qualquer carta que me mande.” E passou a dizer que tinham seus próprios pontos de vista, e que não havia nada que pudéssemos fazer sobre isso, que seus recursos eram ilimitados e a visão deles era firme e não iriam mudar.

Vamos retroceder um pouco no tempo. O senhor foi alguma vez diretamente desafiado pela geração mais nova a respeito do caminho escolhido para seguir na luta contra o racismo nos Estados Unidos? O senhor teve alguma polêmica direta com os radicais afro-americanos das décadas de 1960 e 70?

Não, não tive. Na verdade, bem ao contrário. Também apoiei aquele movimento. Fui a Montgomery⁴ e protestei, em 1965, está sabendo, fui a diversas assembleias, assembleias grandes, assembleias de protesto nesta e noutras partes do país. Estava com eles, apoiando-os todo o tempo. Não tinha problema com suas passeatas, seus protestos. Tão simplesmente quis apoiar com argumentos que apenas uma pessoa que conhecia a história deste país podia usar; alguém que sabia o quanto velha a discriminação era, podia fazer isso e ajudar, e podia também marchar com eles e ajudá-los na sua causa. Não estive na grande marcha sobre Washington em 1963⁵

⁴ Refere-se à marcha de 25 de março de 1965, em Montgomery, capital do estado do Alabama, da qual também participaram vários historiadores brancos, em protesto contra a brutalidade policial na repressão a uma passeata organizada por Martin Luther King, acontecida duas semanas antes, na vizinha cidade de Selma. Montgomery foi também o local do famoso boicote aos ônibus, em 1955-56, movimento que deu notoriedade a Rosa Parks, que se recusou a sair de um assento destinado a usuários brancos. Ela morreu em 2005.



porque estava, exatamente naquele momento, retornando de um ano na Inglaterra, onde tinha sido professor na Universidade de Cambridge, e meu filho e eu chegamos a Nova York (minha esposa tinha vindo um pouco antes, porque seu pai estava doente) exatamente no momento em que a marcha estava acontecendo. Mas apoiei a marcha [quando ainda estava] na Inglaterra. Tinha falado na BBC para dar ao povo inglês alguma compreensão do que estava acontecendo, uma introdução ao problema da raça na América, e tinha apoiado a marcha antes mesmo de retornar aos Estados Unidos.

E quanto à geração seguinte de militantes? O movimento do Poder Negro... *Não acho que eles prestaram muita atenção a mim, estavam tão ocupados... (risos) Não tive problemas com eles. Pensava que, em algumas ocasiões, não sabiam do que estavam falando, não eram claros e específicos em suas acusações. Pensava que pudesse ter feito um pouco mais o dever de casa, ou mais do que fizeram (risos). Mas não me opunha a Angela Davis, a Malcom X ou a qualquer dessas pessoas. Pensava que cabia a todo tipo de gente tentar fazer alguma coisa neste país. Quando se vive tanto quanto vivi, quanto tinha vivido até então, a gente se dispõe a receber ajuda de onde quer que venha. Quer estivessem do mesmo lado, ou quase do mesmo lado... Não, não serei crítico deles, não direi que não devesssem estar lá. Precisávamos de toda a ajuda que pudéssemos ter na luta.*

Queria saber mais sobre diálogo entre gerações. Tendo falado de política, falemos sobre a frente acadêmica, pesquisadores mais jovens, gente como John Blassingame,⁶ que morreu prematuramente, ou bem mais jovem, como Robin Kelley.⁷ O senhor travou algum debate com eles?

⁵ Famosa Marcha sobre Washington, em 28 de agosto de 1963, que reuniu centenas de milhares de manifestantes, talvez 300 mil, vindos de diversos pontos do país. Destacou-se entre seus líderes Martin Luther King, com seu famoso discurso “Eu tenho um sonho”.

⁶ Historiador negro, autor do clássico *The Slave Community: Plantation Life in the Antebellum South*, Nova York; Oxford: Oxford University Press, 1972 (com edição revista e ampliada em 1979). Professor da Universidade de Yale, Blassingame morreu em 2000, pouco antes de completar sessenta anos.

⁷ Historiador que se dedica principalmente a temas da cultura negra contemporânea. Foi professor das Universidades de Michigan (Ann Arbor), New York, Columbia e Oxford, nestas como visitante. Leciona na University of Southern California. Autor, entre outros títulos, de *Thelonious Monk: The Life and Times of an American Original*, Nova York: The Free Press, 2009.



Não tive motivo para debater com eles. Sempre adotei o princípio de que estavam atrás das mesmas coisas que eu. Precisava de todo tipo de gente, e de todos os argumentos que se pudessem mobilizar para tentar colocar este país nos trilhos. Blassingame era um dos meus amigos mais próximos, também conheço Robin Kelley, conheci todas essas pessoas. E se havia alguma diferença foi que quis usar de minha posição como historiador para ter certeza de que os historiadores, pelo menos os historiadores, estivessem agindo sensatamente, estivessem fazendo o que eu acreditava ser a coisa certa. E, assim, fui a todos os congressos deles [da nova geração] a que pude ir – pois tinham encontros separados [dos encontros convencionais de historiadores]. Mas eu também estava muitíssimo interessado em abrir a profissão de historiador, de maneira que eles sentissem, e que todos os historiadores sentissem, que podiam levantar-se juntos, fazer passeatas ou protestar, ou fazer o que acreditasse ser eficaz para acabar com esse terrível pesadelo da discriminação e da segregação.

O senhor se mantém informado a respeito da produção acadêmica dessa geração?

Mantenho-me bastante [informado], tanto quanto é possível. Mas gente como você quer saber o que se passou quarenta, cinquenta anos atrás, e isso me ocupa muito (risos).

Que conexões o senhor vê entre o movimento negro e a historiografia da escravidão, digamos, no que diz respeito a temas como cultura, família, resistência etc.?

Quando me pronunciava sobre esse assunto, queria certificar-me de que as pessoas jovens fossem verdadeiras, e não apenas demagogos. Que quisessem a retificação de nossa sociedade, e não apenas chegarem elas próprias ao topo, mas ter certeza de que todo mundo tivesse chances iguais, oportunidades iguais. Isso nem sempre é fácil quando a gente confronta acadêmicos e outros trabalhadores da área, que são jovens, vigorosos e ambiciosos. Não é fácil persuadi-los de que você e eles, eles e você, estão trabalhando juntos. Muitos deles acreditam que, de alguma maneira, nós, os



velhos, saímos dos trilhos (risos), que não estávamos do mesmo lado que eles nisso ou naquilo, não tinham muito tempo para nós. Gastei muito tempo corrigindo essa visão.

Numa passagem de sua autobiografia,⁸ escrevendo sobre os anos oitenta, o senhor se refere a “apologistas da escravidão”. Quem tinha em mente? Historiadores?

Sim! Estava pensando que eles provavelmente tinham usado suas energias como historiadores para irem numa direção que era enganadora, dando, transmitindo a impressão de que aos escravos fora dado um tratamento justo, que eram tratados melhor do que alguns de nós achávamos, que devíamos ser muito mais cuidadosos, pois o dono da fazenda estava fazendo mais pelo escravo do que admitíamos, esse tipo de coisa. Não, eu era muito impaciente com essa turma, particularmente [com] Fogel e Engerman,⁹ e meu amigo Eugene Genovese.¹⁰ Apenas pensava que estavam desperdiçando o tempo de todos nós no esforço de serem um tanto sensacionalistas ou espetaculares ao descreverem os senhores de escravos como sendo melhores do que eram. Então, não fiquei muito contente com eles. Estavam muito mais interessados em demonstrar uma nova perspectiva para a história, a quantificação na história, esse tipo de coisa. Estavam mais interessados nisso do que nos fatos frios da história, entendeu?

O senhor vê algo de positivo no livro *Roll Jordan Roll*, de Eugene Genovese?

⁸ Refiro-me a *Mirror to America: The Autobiography of John Hope Franklin*, Nova York, Farrar Straus & Giroux, 2005.

⁹ Robert Fogel (vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 1993) e Stanley Engerman escreveram um livro polêmico, baseado em métodos quantitativos sofisticados para a época, e, para muitos críticos, enganadores. Trata-se de *Time on the Cross: The Economics of American Negro Slavery*, Boston: Little, Brown & Co., 1974, 2 vols. Ver críticas aos métodos e às conclusões de Fogel e Engerman em Paul A. David et alii, *Reckoning with Slavery: A Critical Study in the Quantitative History of American Negro Slavery*, Nova York: Oxford University Press, 1976; e Herbert Gutman, *Slavery and the Numbers Game: A Critique of Time on the Cross*, Urbana: University of Illinois Press, 1975.

¹⁰ Historiador marxista norte-americano, especialista em escravidão e outros temas do Sul dos Estados Unidos, autor do clássico *Roll Jordan Roll: The World the Slaves Made*, Nova York: Pantheon Books, 1974, parcialmente publicado no Brasil pela editora Paz e Terra com o título de *A Terra Prometida: o mundo que os escravos criaram* (1988).



Acho que Gene tem uma visão da escravidão que de fato dá mais humanidade [ao escravo] do que outros historiadores da escravidão deram, mas ele e toda essa turma o que fazem é que, ao terem certeza de que os ouvimos, ou de que fomos persuadidos por seus argumentos, vão um pouco longe demais. Assim, desse ponto de vista, acho que ele está fora do compasso, mas ainda tem alguma proposta.

O senhor dedicou boa parte de suas pesquisas a entender e desmistificar o papel desempenhado pela raça na história dos Estados Unidos, mas que papel atribui à classe?

Penso ser um mau uso do conhecimento, em geral, dizer que a raça por si só não está na classe. Acho que está na própria classe. Acho que a raça define a escravidão mais do que qualquer outra coisa, ou que raça se justapõe, não à classe, mas à riqueza. E acumulação de riqueza é em si mesma classe. Assim, essas pessoas que querem dizer que o senhor de escravo era muito rigoroso sobre o que ele queria que o escravo tivesse, um “copo de suco de laranja por dia”, pensando em sua saúde, bem estar, sua felicidade e assim por diante. Não acredito em uma palavra disso (risos). Tudo apontava para a necessidade de melhor alimentá-lo, se essa melhor alimentação significasse mais para o proprietário. Então tem a pergunta que pensei que você fosse fazer sobre infelicidade. Não havia “suco de laranja” suficiente no Sul¹¹ para fazer o escravo feliz com sua situação. Contamos cinquenta mil escravos que fugiam todo ano, e alguns deles fugiam três, quatro vezes ao ano.¹² Se eram capturados e levados de volta, em seguida fugiam de novo, e de novo, e de novo. E onde estávamos, que sorte de humanidade tínhamos então? Não diria que havia muito disso ali. Não estou sendo crítico. Não estou satisfeito com o copo de suco de laranja de cada dia. Não os ajudava. Não eram mais felizes, e fugiam depois de beber seu suco de laranja (risos).

¹¹ Nos trinta anos antes da abolição, acontecida em 1865, a escravidão, em seu apogeu, concentrou-se na região Sul dos Estados Unidos, enquanto nos vários estados do Norte tinha sido paulatinamente abolida desde o final do século XVIII.

¹² John Hope Franklin se refere a seu livro sobre escravos fugidos, escrito com Loren Schweninger, *Runaway Slaves: Rebels on the Plantation*, Nova York e Oxford, Oxford University Press, 1999.



O senhor mencionou a resistência escrava, e tem um pioneiro historiador e militante marxista que deu muita atenção a essa questão, Herbert Aptheker.¹³

Ele era amigo próximo. Muito próximo. Esteve nesta casa. Estivemos com ele na Califórnia. Trouxe-o para a Universidade de Chicago para fazer algumas palestras quando estava lá. Conhecia-o muito bem.

Qual a importância do seu trabalho sobre a escravidão?

É um corretivo. Revoltas escravas, por exemplo. Muita gente não sabia que os escravos se revoltaram (risos). Demos continuidade e apoiamos sua visão em nosso livro sobre escravos fugidos, um outro tipo de resistência, digamos.¹⁴ Ele levou, dilatou [seu argumento] um pouco demais, mas, você sabe, quando se está acossado e todo mundo se opõe, quando não se pode expressar um argumento, a gente tem que gritar um pouco, tem que ser um pouco ruidoso. Não tenho problemas com isso (risos). Tento não fazê-lo eu mesmo. Mas você fica impaciente com essa gente a dizer por aí mentiras sobre um período que lhe é familiar.

Aptheker nunca teve uma carreira acadêmica...

Não exatamente.

Foi perseguido pelo Macartismo?¹⁵

Toda aquela turma estava determinada, acho, de maneira não muito acadêmica, a silenciá-lo para ter certeza de que não tivesse voz, que a ele não deveria ser permitido falar. Sempre disse e argumentei que ele podia falar e que, se não fosse a verdade, então provariamos que não merecia nosso apoio. Mas queria que ele falasse. Manifeste-se! Qual o problema? Acho que Vann Woodward o tra-

¹³ Historiador marxista, escreveu, entre outros livros sobre assuntos afro-americanos, *American Negro Slave Revolts*, Nova York: International Publishers Co., 1943, e *Nat Turner's Slave Rebellion*, Nova York: Humanities Press, 1966. Este último é sobre a mais sangrenta rebelião escrava acontecida nos Estados Unidos, em 1831. O livro inclui uma transcrição das “Confissões” do líder rebelde Nat Turner, ditadas na prisão a seu advogado.

¹⁴ Mais uma referência a seu livro com Loren Schweninger, *Runaway Slaves*.

¹⁵ Campanha de perseguição a supostos comunistas (na verdade, a todo pensamento crítico) na década de 1950, liderada pelo senador Joseph McCarthy.



tou terrivelmente em Yale.¹⁶ Vann não queria que ele fosse ao campus de Yale falar, dar palestra, nada. Não posso pensar em ninguém que devesse ser banido ou perseguido daquele jeito. Não acredito nisso. E isso era certamente verdadeiro quanto a Aptheker.

E tudo por conta de seu marxismo?

Foi o que Vann Woodward disse. Eu tinha outra teoria sobre essa coisa toda. Vann Woodward era um de meus amigos mais próximos, mas ele foi radical quando todo mundo era conservador, e ficou naquela posição, e as pessoas o ultrapassaram (risos), ficaram bem mais radicais; de maneira que, ao longo dos anos, ele parecia bem mais conservador do que realmente era. Quando ele me levou para a Southern Historical Association, SHA [Associação Histórica Sulista], em 1949, para ler uma comunicação, e aquela seria a primeira comunicação na SHA a ser apresentada por um afro-americano, e Vann estava por trás daquilo, ele pareceu muito radical. Vinte anos depois, quando me tornei presidente da SHA, aquela posição já não seria mais radical.

Ele também foi contra as ações afirmativas mais tarde...

Sim.

Uma das coisas que me espantou lendo sua biografia foi aprender que, mesmo os arquivos eram racialmente segregados, e quando de sua pesquisa de doutorado, nos anos 1940, não lhe foi permitido sentar-se na mesma sala do Arquivo Estadual da Carolina do Norte onde estavam os pesquisadores brancos.

Tal como nos trens e nos ônibus. E, apesar disso, lá estávamos nós.

Ser estudante em Harvard não ajudou em nada...

Não, acho que não. Eu não era branco, e isso se erguia contra mim. Soa insano. Pelo fato de não ser branco não podia ter os mesmos privilégios que os rapazes e as moças brancos tinham.

¹⁶ Comer Vann Woodward, professor da Universidade de Yale, historiador dedicado a assuntos sulistas, sobretudo ao período da Reconstrução após a Guerra Civil. Autor, entre outros, de *Origins of the New South, 1877-1913*, Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1951, e *The Strange Career of Jim Crow*, Oxford: Oxford University Press, 1955.



Seu primeiro livro, pesquisado naquele arquivo, originalmente tese de doutorado em Harvard, é uma ótima e pioneira história social dos negros livres na era da escravidão. Traz descobertas perturbadoras, como o fato de que negros também possuíam escravos. Embora, como o senhor admite no livro, isso não fosse totalmente desconhecido, como foi para um pesquisador negro descobrir a extensão do fenômeno? O senhor alguma vez considerou que isso pudesse afetar negativamente a luta dos negros pela justiça racial?

Creio que de fato prejudicou, porque eles eram vistos como sustentáculos da escravidão, estavam do lado do homem branco que possuía escravos. Alguns estudantes negros ficaram desapontados que homens e mulheres negros pudessem escravizar seu próprio povo.



Como o senhor lhes respondia?

Respondia meramente dizendo que as pessoas negras, como quaisquer outras, são gananciosas, egoístas e exploradoras. Se você não as vigiar, farão a mesma coisa. Não tentei defender, não, eles eram seres humanos como os senhores brancos, que estavam dispostos a trair gente de uma classe diferente.

E sua biografia de George Washington Williams?¹⁷

Meu livro favorito! Não bata em meu livro agora! É o meu favorito. Vou à luta para defender aquele livro (risos).

Não precisa, é um grande livro! (risos) Quando descobriu a obra de Williams, o senhor mudou sua visão da historiografia americana?

Ele estava escrevendo História muito boa mais cedo do que eu pensava, e então, para mim, se tornou por si só pioneiro de um tipo de historiografia. E, assim, os Woodsons¹⁸ e coisa e tal teriam de ser alguma coisa afastados como pessoas que criaram a história africana-americana – deem lugar a George Washington Williams! (risos).

Quando seu livro foi publicado em 1985, ele levou a uma reavaliação da historiografia afro-americana?

Não, [meu livro] deveria ter provocado muito mais discussão do que provocou. E acho que deveria ter ganho o prêmio Pulitzer,¹⁹ é o

¹⁷ John Hope Franklin escreveu *George Washington Williams: A Biography*, Chicago: University of Chicago Press, 1985. Uma nova edição seria publicada pela Duke University Press em 1998. George Washington Williams foi veterano da guerra civil, pastor batista, jornalista, cônsul americano no Haiti e pioneiro historiador do negro nos Estados Unidos, autor, entre outros livros, de *History of the Negro Race in America, 1619-1880: Negroes as Slaves, as Soldiers, and as Citizens*, Nova York: G. P. Putnam's Sons/George Putnam & Co., 1882-83, 2 vols. Uma nova edição dessa obra acaba de ser lançada pela Nabu Press.

¹⁸ Refere-se ao historiador negro Carter G. Woodson (1875-1950), considerado por muitos o Pai da História Negra nos Estados Unidos, fundador, em 1915, da Association for the Study of Negro Life and History (depois Association for the Study of African American Life and History), e da sua revista, o *Journal of Negro History*, em 1916. Concebeu a Semana da História Negra, em 1926, depois transformada em Mês da História Negra. Foi professor da Universidade de Howard, histórica instituição negra onde John Hope também lecionou. Autor, entre muitos outros livros, de *The History of the Negro Church* (1921) e *The Negro in Our History* (1922).

¹⁹ O Pulitzer é provavelmente o mais prestigioso prêmio literário dos Estados Unidos. O livro de John Hope Franklin foi finalista na categoria Biografia ou Autobiografia. Venceu o livro de Elizabeth Frank sobre a laureada poeta americana Louise Bogan (1897-1970). Frank é professora catedrática de Línguas Modernas e Literatura do Bard College, no estado de Nova York.



quanto penso sobre isso, mas não ganhou. Existe agora uma espécie muito vigorosa de retorno a Williams, liderado por uma jovem em Nova York²⁰ que está escrevendo uma peça sobre ele, e que esteve aqui, em nosso programa, aqui em Duke. Ela tem vindo aqui fazer pesquisas em meus documentos em Duke, então ele [Williams] está retornando... (risos)

O senhor escreveu uma biografia de Williams e anos depois escreveu sua autobiografia, e uma sensação que tive, lendo esta obra, é que, bem, agora o senhor usa seu próprio arquivo pessoal: cita a si próprio, ou resume suas palestras, por exemplo: “Minha opinião na época era esta...”

Sim, deixe-me ver o que [John Hope] Franklin diz sobre isso e aquilo...

O senhor teve que se distanciar de si próprio?

Sim, você tem que fazer isso só para ter certeza de que não é completamente egotista, que tem alguma substância além do que você está colocando ali sobre si mesmo. Sim, é preciso distanciar-se.

Minha impressão da leitura de sua autobiografia e dos nossos encontros em diferentes ocasiões é que o senhor é um negociador, no bom sentido da palavra. Sua carreira mostra que nunca negociou sua dignidade, sua honestidade política e intelectual, mas apela o tempo todo para o diálogo, e se opõe claramente ao separatismo, à guerra racial etc. O senhor acha que essa visão da Afro-América está finalmente prevalecendo com Obama?

Ah, isso é verdade. Acho que estamos indo na direção certa, mas não acho que os apoiadores de uma boa sociedade já prevaleceram. Estamos indo na direção certa, é tudo que posso dizer agora, e amanhã, a essa hora, podemos estar indo na direção errada. É muito cedo para dizer.

Lendo o epílogo de sua autobiografia, o senhor soa mais como Jeremiah Wright²¹ do que como Obama...

²⁰ Trata-se de Lea Fridman, professora do Departamento de Inglês do Kingsborough Community College, Universidade da Cidade de Nova York.

²¹ Pastor aposentado da Trinity United Church of Christ, em Chicago. Foi mentor espiritual do presidente Barack Obama, que dele se desligou publicamente durante a campanha presidencial depois da divulgação de um discurso radical feito pelo pastor criticando os Estados Unidos como um país irremediavelmente racista. Ao se afastar do pastor para não prejudicar sua campanha, Obama rotulou as palavras de Wright de “inflamadas”.



Não, não, por favor, não (risos).

... porque o senhor não está muito otimista naquele epílogo.

Estou provavelmente mais otimista agora. Aquilo [que escrevi] foi com o propósito de balançar o país, isso o que estava tentando fazer naquele último capítulo. Quanto mais longe teríamos que ir? Bem, ainda temos que ir mais longe, não há dúvida sobre isso. Mas acho que a atitude é um pouco diferente agora. Acabei de voltar de Oklahoma a semana passada, nasci lá, como você sabe, e meu pai era um advogado lá, e eu e ele morávamos num povoado a cerca de sessenta milhas de Tulsa. Minha mãe ensinava na escola e meu pai batalhava como advogado naqueles dias, ganhando quase nada. Então ele foi morar em Tulsa para ganhar a vida para todos nós, e veio o distúrbio de 1921.²² Estávamos prestes a mudar naquela semana para Tulsa e não pudemos mudar porque não tínhamos notícias dele, não sabíamos onde estava. Minha mãe finalmente leu que tinha havido um distúrbio racial em Tulsa, que havia muitas mortes, e isso a perturbou ainda mais. Depois recebemos um cartão dele dizendo que estava bem, mas que não tinha dinheiro algum, nenhum recurso, a casa que tinha conseguido para nós tinha sido toda incendiada. Só “incivilidade” da pior espécie. Disso decorreu que tivemos que morar neste povoado, Rentesville, onde eu tinha nascido, por mais quatro anos antes que ele pudesse erguer-se o suficiente para nos buscar. Enquanto isso, ele nos vinha ver todo mês mais ou menos. Minha mãe teve a responsabilidade de me criar desde quando eu tinha seis até quando tinha dez anos, anos muito cruciais para um menino, sabe? Mas foi bom, apesar de tudo, da parte que lhe coube, a minha mãe, eu acho. Depois nos mudamos para Tulsa, em 1925, e tivemos que recuperar tudo, e tive que frequentar a escola, esforcei-me para chegar ao topo, o que consegui, e me formei como primeiro da turma no ginásio. Depois, era ir à luta. Pois bem, depois desses oitenta e poucos anos desde

²² Em maio/junho de 1921, na cidade de Tulsa, teve lugar um confronto racial de grandes dimensões, que resultou no incêndio de dezenas de casas e lojas no bairro negro, e de centenas de feridos e mortos, a grande maioria negra. As estimativas das vítimas fatais variam de algumas dezenas a cerca de trezentas pessoas.





o distúrbio racial, Tulsa se recusava a reconhecer o fato de que ali tinha havido um distúrbio racial. Até recentemente, em grande parte devido ao que tenho feito e às forças legais que me apoiam, tentando mudar os rumos deste país, mudar os rumos do Estado, mudar os rumos da cidade, enfim, depois de negar que jamais tivesse havido distúrbio racial, agora Tulsa admite que houve, e destinaram uma grande área chamada Centro de Reconciliação John Hope Franklin, e estive lá para o início das obras na semana passada. Mandaram um jato para me pegar e tudo isso. Meu filho veio, ele e sua esposa foram comigo até lá. E essa foi a maior publicidade que o distúrbio racial teve desde que aconteceu, e eles estão começando a construir, a gastar muitos milhões de dólares com o centro e o parque.

E, é claro, o senhor lá estará para a inauguração do centro...

Sim, imagino que sim, se viver o bastante (risos). Não sei. Alguns dias não sei se vou atravessar o dia (risos).

O senhor é otimista quanto à vitória de Obama?

Alguns acham que a luta acabou, e acho que a luta está apenas começando (risos). Sim, otimista, mas não tanto como algumas pessoas. Porque não acredito que as pessoas brancas deste país, que lucraram com a exploração [do povo negro] esses anos todos, vão dizer, “Ah, sim, o jogo acabou”, sabe? Ah, não, não. Não, eles vão fazer oposição, eles vão-se opor a que eu seja tratado como um ser humano. Ah, claro!

O senhor teme que vão dizer, “agora que vocês têm seu presidente, a raça não importa mais”?

Essa será uma linha de ação, sim.

O senhor está acompanhando a transição do governo?

Sim.

O senhor acha que o governo de Obama será um governo da mudança?
Não tanta mudança como muita gente pensa. Você não pode manter as mesmas instituições e mudá-las com pessoas que não acreditam nisso. Ter que mudar com esse pessoal que estava lá esse tem-



po todo... Alguns dizem, bem, ele nomeou os mesmos velhos picaretas. Bem, que outros picaretas ele tem para nomear?

O senhor o conheceu pessoalmente?

Acabo de conhecê-lo. Ali estamos juntos [mostra uma foto]. Isso foi há cerca de três ou quatro meses atrás. Fui a Chapel Hill. Tinha sido acertado que iria e o encontrei em Chapel Hill, e segui com ele para Winston-Salem em seu ônibus de luxo.²³ Estive com ele a maior parte do dia. Foi o dia que ele renunciou a Jeremiah Wright. Ele não comentou isso comigo, porém [anunciou] mais tarde, numa coletiva à imprensa. Falamos o tempo todo nessa viagem. Fiquei muito impressionado. Ele é um jovem brilhante, muito brilhante. Ele aparentemente sabia muito sobre mim e isso sempre é lisonjeiro. Isso me faz pensar que ele é um homem bom (risos). Sim, ele sabia muito sobre mim.

O senhor espera que ele retome os trabalhos ou implemente as recomendações do grupo de Bill Clinton, o Iniciativa sobre Raça, que o senhor liderou?

Ah, não sei. Ele pode ter outra coisa em mente, e agora que ele é o que é, em certo sentido, estávamos tentando conseguir, ele pode sentir que não precisa de um grupo formal. Ele é um exemplo tão excelente do sucesso da inteligência, da decência. Sua família é ótima, muito bem estruturada. Não sei. Ele pode não sentir necessidade para a coisa [do tipo Iniciativa sobre Raça].

Em sua autobiografia o senhor menciona duas ou três viagens que fez ao Brasil, uma delas com sua esposa Aurélia, para celebrar as bodas de ouro de seu casamento. O senhor visitou o Rio e a Bahia. Apesar disso nada escreveu sobre sua experiência no Brasil, ao contrário do que fez sobre muitos outros países que visitou, como Austrália, Índia, Rússia, Nigéria, Senegal, China etc. Devo dizer que fiquei desapontado que não tivesse nada a dizer sobre o maior país negro fora da África, suas percepções a respeito das relações raciais e do racismo lá, que tipo de pessoas encontrou, como foi tratado.

Sinto muito, sinto muito. Estava muito ocupado tentando [enten-

²³ Chapell Hill e Winston-Salem, cidades da Carolina do Norte.





der]. Fui muito bem tratado. Esse [é] um lugar para onde quero retornar uma vez mais. Meu filho, que trabalha no Smithsonian Institution,²⁴ diz que se ele for enquanto eu ainda puder ir ele me levará consigo. Sim, [minha impressão] foi noventa por cento favorável. Falei com numerosos acadêmicos negros e pesquisadores negros, e figuras públicas negras. Participei de um programa de televisão e meu segundo livro foi traduzido para o português. Tive uma boa exposição [na mídia] no Brasil para quem não podia falar a língua, tendo tão pouca experiência fora dos Estados Unidos.

Falando de relações raciais, o que o senhor acha das interpretações de Gilberto Freyre sobre nossas relações raciais, em comparação com o que viu no Brasil?

Sim! Gilberto Freyre já expôs a noção de que o Brasil era a sociedade perfeita e houve pessoas que, quando estive lá, o contradiziam e diziam que não era verdade. Tive a chance de ouvir ambos os lados do argumento. Vi que o Brasil não era a sociedade perfeita. Estaria muito mais avançada do que nós, à nossa frente. De jeito nenhum perfeita. Então, tive a chance de realmente observar isso. Não apenas na Bahia, mas é melhor do que a maioria dos lugares no Brasil, também das grandes cidades. Pude ver que havia muita diferença de classe no Brasil, mas que as pessoas lá pareciam pensar que estavam à nossa frente.

Nos seus anos de formação acadêmica o senhor alguma vez manteve conversas com seus professores sobre o Brasil, especialmente sobre relações raciais? Lorenzo Turner, da Universidade de Fisk, e E. Franklin Frazier, da Universidade de Howard, por exemplo, ambos fizeram pesquisas na Bahia em meados do século XX.²⁵

Não muito. Vivi na casa de Frazier dois anos quando eu era um jovem professor. Conheci-o pelo resto de sua vida. Morei na casa de Frazier, mas ele estava em Paris. Ouvia falar dele. Ele não fala-

²⁴ Renomado complexo de museus e centros de pesquisa em Washington, D.C.

²⁵ E. Franklin Frazier escreveu "The Negro Family in Bahia, Brazil", *American Sociological Review*, vol. 8, nº. 4 (1943), pp. 465-78, e Lorenzo Turner, "Some Contacts of Brazilian Ex-Slaves with Nigeria, West Africa", *Journal of Negro History*, nº 27 (1942), pp. 55-67. Turner ensinou língua inglesa a John Hope Franklin na Universidade de Fisk.



va muito sobre o Brasil, nem Turner, que estava ocupado, ensinando-me inglês para calouro.

Na sua autobiografia o senhor fala de orquídeas, de ir ao teatro e à ópera, menciona jantares maravilhosos, fala muito de viagens, mas não diz muito sobre música, embora tivesse sido membro do famoso coral de Fisk. Que tipo de música o senhor ouve? Sua música favorita?

Clássica. Sim, estive no Conselho da Orquestra Sinfônica de Chicago durante doze anos e toquei um instrumento no ginásio. Trompete. Sou um grande apoiador da estação de rádio musical daqui [Durham], a FM WCPE 89.7. Meu compositor favorito é Brahms. Estou surpreso de que não falei mais sobre música [em minha autobiografia], pois tem representado muito para mim.

Obras selecionadas de John Hope Franklin

The Free Negro in North Carolina (1943).

From Slavery to Freedom: A History of the Negro Americans (1947). Com tradução para o português pela editora Nôrdica (1989).

The Militant South, 1800-1860 (1956).

Reconstruction After the Civil War (1961).

The Emancipation Proclamation (1963).

Racial Equality in America (1976)

George Washington Williams: A Biography (1985).

Race and History: Selected Essays, 1938-1988 (1990).

Com tradução para o português pela editora Rocco (1999).

The Color Line: Legacy for the Twenty-first Century (1993).

Runaway Slaves: Rebels on the Plantation, com Loren Schweninger (2000).

Mirror to America: The Autobiography of John Hope Franklin (2005).

In Search of the Promised Land: A Slave Family in the Old South, com Loren Schweninger (2005).